

nara roesler

são paulo
rio de janeiro
new york

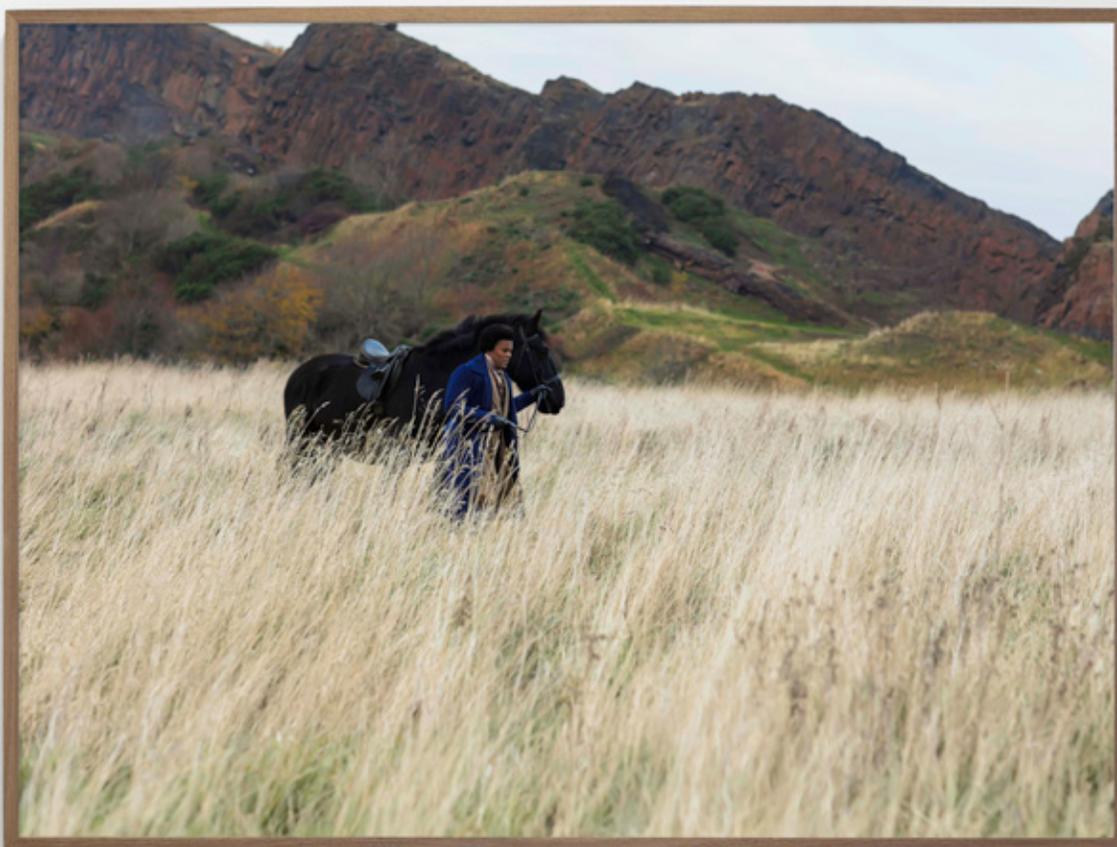
www.nararoesler.art
info@nararoesler.art

isaac julien, elian almeida, virginia de medeiros
ao que vai nascer

nara roesler são paulo

abertura 2 de abril

exposição 2 abr – 21 mai, 2022



Isaac Julien. *Lessons of The Hour (Lessons of The Hour)*, 2019. Fotografia em papel archival fosco sobre alumínio. 160 x 213,3 cm. Cortesia do artista e Nara Roesler.

Nara Roesler São Paulo tem o prazer de apresentar *Ao que vai nascer: Isaac Julien, Elian Almeida, Virginia de Medeiros*, com curadoria do Núcleo Curatorial da galeria sob coordenação de Luis Pérez-Oramas. A exposição reúne obras de distintas séries do britânico Isaac Julien e dos brasileiros Virginia de Medeiros e Elian Almeida. *Ao que vai nascer* abre ao público no dia 02 de abril, na ocasião da SP-Arte Weekend, integrando a programação oficial da feira, e segue em exibição até 21 de maio de 2022.

A mostra se estrutura ao redor das fotografias que compõem *Lessons of the Hour*, celebrada vídeo instalação de Isaac Julien que já foi apresentada em diversas mostras e eventos em Londres, Los Angeles e Amsterdã, e que chega, pela primeira vez ao Brasil. *Lessons of the Hour* é centrada no afro-americano Frederick Douglass, figura fundamental para o abolicionismo norte-americano no século XIX. Esses impressionantes retratos, cuidadosamente encenados, recriam e re-ficcionalizam a história em torno de uma das personalidades mais fotografadas do século XIX nas Américas. Os quadros vivos de Julien servem como retratos monumentais que trazem para o presente a urgência do legado abolicionista de Douglass, sumarizado no seu famoso discurso de 1894, *Lessons of the Hour*.

Junto a Isaac Julien e seus exemplares retratos da memória, a exposição inclui obras de dois artistas brasileiros, cujos trabalhos ampliam a reflexão sobre o retrato na sua discussão de questões raciais, sociais e históricas: Elian Almeida e Virginia de Medeiros.

O jovem artista carioca Elian Almeida apresenta o primeiro ato de *O ouro afunda no mar, madeira fica por cima*. O projeto, dividido em três partes, se debruça sobre o tráfico de povos africanos para as Américas. Nascido no Rio de Janeiro, no Cais do Valongo, ponto central de chegada no Brasil de navios vindos da África, Almeida destaca a noção de nascimento, individual e coletiva, real e metafórica, atuando para a revisão e alargamento das narrativas históricas e midiáticas acerca do assunto, lançando luz sobre aspectos violentos da história que deliberadamente foram apagados ou atenuados pela narrativa dominante.

A icônica série *Fábula do Olhar*, de Virginia de Medeiros, acrescenta uma outra camada de significados à exposição ao se debruçar sobre o amplo significado social do retrato e, mais especificamente, sobre o anseio individual pela imagem. Os trabalhos são resultados de encontros da artista com pessoas em situação de rua. Colaborando com eles, Medeiros registra suas histórias e imagens, documentando vidas que tendem a ser invisibilizadas pela sociedade. Para além das questões sócio-raciais, a obra de Medeiros discute o retrato em si: o desejo ativo de ver e de projetar a própria imagem no mundo como uma forma de reivindicar a completude de nossa dignidade humana, como um incessante lugar para o que vai nascer.

Assim, *Ao que vai nascer* apresenta a potência dos gestos individuais, de Julien, Almeida e Medeiros, na criação de um retrato coletivo que abarque, com o merecido prestígio, os indivíduos e comunidades discriminados, seja racial ou socialmente. Sobretudo, a exposição visa revelar o desejo compartilhado de se ver e de projetar a imagem de si no mundo como forma de reivindicar a inteireza de nossa dignidade humana.

isaac julien

Isaac Julien é um dos mais importantes e influentes artistas britânicos nos campos da instalação e do cinema. Em seu trabalho, ele utiliza elementos provenientes de disciplinas e práticas variadas (entre elas cinema, fotografia, dança, música, teatro, pintura e escultura), integrando-os em instalações audiovisuais dramáticas, obras fotográficas e documentários. A pluralidade não se faz presente apenas nas linguagens agenciadas em seu processo, mas também no resultado final, exibido em instalações compostas por múltiplas telas e, por vezes, fotografias. Suas imagens deslumbrantes e potentes articulam uma linguagem visual única e poética.

Os trabalhos de Julien surgem de investigações sobre personalidades proeminentes do século XX, tais como Langston Hughes, Frantz Fanon e Lina Bo Bardi, atuando, muitas vezes, de modo a revisar as narrativas históricas oficiais. Apesar do principal meio de produção do artista ser o vídeo, a fotografia possui papel fundamental no seu processo. Em suas fotos, encontramos a síntese estética de seu trabalho audiovisual, assim como sua renovação, a partir de procedimentos de colagem e fotomontagem.

Seu filme *Young Soul Rebels* (1991) recebeu o prêmio Semaine de la Critique no Festival de Cinema de Cannes. *Frantz Fanon: Black Skin, White Mask* (1996), codirigido por Mark Nash, venceu o Grande Prêmio Pratt and Whitney Canada. Julien também foi contemplado com o Prêmio McDermott do MIT e o Prêmio The Golden Gate Persistence of Vision (2014), no Festival de

Cinema de São Francisco. Em 2015, Isaac Julien recebeu o Prêmio Kaino por Excelência Artística.

Julien nasceu em 1960, em Londres, onde vive e trabalha. Entre suas exposições e projetos individuais recentes estão: *Lessons of the Hour*, no Metro Pictures e no Memorial Art Gallery (MAG) (2019), ambos em Nova York, Estados Unidos; *Western Union: Small Boats*, no ARoS Aarhus Kunstmuseum (2018), em Aarhus, Dinamarca; *To the End of the World*, na Galerie Forsblom (2018), em Estocolmo, Suécia, e *Ten Thousand Waves*, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói) (2016), em Niterói, Brasil. Também apresentou seus trabalhos na 57ª Bienal de Veneza, Itália (2017); na Trienal de Paris, França (2012); na 7ª Bienal de Gwangju, Coreia do Sul (2008), e participou das coletivas *Coming Out: Sexuality, Gender and Identity*, no Walker Museum, Liverpool and Birmingham Museum and Art Gallery (2017), em Birmingham, Reino Unido; *The Shadow Never Lies*, no Minsheng Museum (2016), em Shanghai, China. Suas obras integram as coleções do: Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos; Tate Modern, Londres, Reino Unido, e Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos.

elian almeida

Elian Almeida baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte. Com uma abordagem decolonial, seu trabalho se debruça sobre a experiência e performatividade do corpo negro na sociedade contemporânea. Para isso, ele recupera elementos do passado, imagens, narrativas e personagens – oficiais e extra oficiais –, de modo a contribuir para o fortalecimento e divulgação da historiografia afro-brasileira.

Por um lado, sua pesquisa se debruça sobre biografias de personagens negras que tiveram sua importância apagada pela história, atribuindo-lhes a devida importância. Por outro, o artista volta-se para as violentas abordagens policiais de corpos racializados, revisitando as noções de privilégio, presentes na cultura e sociedade brasileira, assim como denunciando o mito da democracia racial. Em sua série *Vogue*, em que Almeida se apropria da identidade visual e da estética dessa famosa revista de moda para vincular corpos negros, vemos a convergência dessas diversas linhas de trabalho, levando-nos a questionar sobre os modos como esses sujeitos são representados e postos em circulação na cultura visual brasileira.

Elian Almeida nasceu em 1994, em Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente vive e trabalha entre o Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França. Seus trabalhos estiveram presentes em diversas coletivas, entre elas: *Enciclopédia negra*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2021), em São Paulo, Brasil; *Amanhã há de ser outro dia / Demains sera un autre jour*, no Studio Iván Argote e no Espacio Temporal (2020), em Paris, França; *Esqueleto – 70 anos de UERJ*, no Paço Imperial (2019), no Rio de Janeiro, Brasil; *Arte naïf – Nenhum museu a menos*, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage) (2019), no Rio de Janeiro, Brasil; *Mostra memórias da resistência*, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica (CMAHO) (2018), no Rio de Janeiro, Brasil; *Bela verão e Transnômade Opavivará*, no Galpão Bela Maré (2018), no Rio de Janeiro, Brasil; *Novas poéticas – Diálogos expandidos em arte contemporânea*, no Museu do Futuro (2016), em Curitiba, Brasil; entre outras.

virginia de medeiros

Virginia de Medeiros utiliza estratégias documentais como forma de transgredir relatos hegemônicos, dando voz e visibilidade aos indivíduos tradicionalmente negligenciados pela história. Para isso, a artista lida com pressupostos comuns aos campos da arte e do documentário: o deslocamento, a participação e a fabulação.

Medeiros não captura o outro, mas registra sua imagem, abrindo espaço para que ele também narre sua experiência, apostando na singularidade dos indivíduos e situações. Ela tem utilizado a fotografia e o vídeo como ferramenta de representação de identidades e subjetividades tradicionalmente deixadas de lado, tais como transsexuais, mulheres, moradores de rua. As imagens costumam surgir de um processo imersivo de pesquisa e vivência com o retratado, minimizando os excessos de um olhar etnográfico que venha carregado de pressupostos, ao mesmo tempo que amplia a intimidade entre o fotografado e a artista.

Virginia de Medeiros nasceu em Feira de Santana, BA, Brasil, em 1973. Atualmente, vive e trabalha em São Paulo, SP, Brasil. Exposições individuais recentes incluem: *Clamor*, no Instituto Tomie Ohtake (ITO), em São Paulo, Brasil; 29º Programa de exposições, no Centro Cultural São Paulo (CCSP) (2019), em São Paulo, Brasil; *Alma de bronze*, na Ocupação Nove de Julho (2018), em São Paulo, Brasil; *Studio Butterfly e outras fábulas*, na Galeria Fayga Ostrower, Complexo Cultural Funarte (2018), em Brasília, Brasil. Participou de bienais como: Jogja Biennale 14, Indonésia (2017); 27ª e 31ª edições da Bienal de São Paulo, Brasil (2006 e 2014). Entre suas exposições coletivas recentes, destacam-se: *Love and Ethnology. The Colonial Dialectic of Sensitivity (after Hubert Fichte)*, na Haus der Kulturen der Welt (HKW) (2019), em Berlim, Alemanha; *Arte Democracia Utopia – Quem não luta tá morto*, no Museu de Arte do Rio (MAR) (2018), em Rio de Janeiro, Brasil; *Forms of Resistance*, na Golden Thread Gallery (2017), em Londres, Reino Unido, e *Histórias da sexualidade*, no Museu de Arte de São Paulo (MASP) (2017), em São Paulo, Brasil. Suas obras fazem parte de importantes acervos institucionais como: Associação Cultural Videobrasil, São Paulo, Brasil; Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil; Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil.

nara roesler

Nara Roesler é uma das principais galerias brasileiras de arte contemporânea, representando artistas brasileiros e internacionais fundamentais que iniciaram suas carreiras na década de 1950, bem como artistas consolidados e emergentes cujas produções dialogam com as correntes apresentadas por essas figuras históricas. Fundada por Nara Roesler em 1989, a galeria tem consistentemente fomentado a prática curatorial, sem deixar de lado a mais elevada qualidade da produção artística apresentada. Isso tem sido ativamente colocado em prática por meio de um programa de exposições criterioso, criado em estreita colaboração com seus artistas; a implantação e estímulo do Roesler Curatorial Project, plataforma de iniciativas curatoriais; assim como o contínuo apoio aos artistas em mostras para além dos espaços da galeria, trabalhando com instituições e curadores. Em 2012, a galeria ampliou sua sede em São Paulo; em 2014 expandiu para o Rio de Janeiro e, em 2015, inaugurou um espaço em Nova York, dando continuidade à sua missão de oferecer a melhor plataforma para seus artistas apresentarem seus trabalhos.

isaac julien, elian almeida, virginia de medeiros ao que vai nascer

nara roesler são paulo

abertura 2 de abril, 11–17h
exposição 2 abr – 21 mai, 2022

contato para a imprensa

[paula.plee](mailto:paula.plee@nararoesler.com)

com.sp@nararoesler.com

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art